

Discurso da Sessão Comemorativa do 106.º aniversário da U.Porto

Hoje reunimo-nos aqui para em conjunto comemorarmos os 106 anos da Universidade do Porto. E tenho a honra de assumir a responsabilidade de vos dirigir umas palavras em nome dos estudantes da Universidade do Porto e das suas estruturas representativas.

O que é a Universidade? Que lugar e missão são estes da Universidade, e que impacto e influência tem uma Universidade em todos os que a ela pertencem, em todos os que por ela passam, na cidade, na região e no país onde se insere?

A Universidade é antes de mais um espaço e uma instituição de pessoas. A riqueza de uma Universidade não se avalia pelo seu património, não se afere pelos seus resultados financeiros, não se traduz em relatórios de contas. Não quero com isto dizer que a gestão rigorosa dos seus recursos e que a procura da contínua eficiência não tenha de ser uma das suas prioridades - claro que é!

Mas a riqueza da Universidade é outra coisa: é antes de mais a pluralidade das visões e opiniões que alberga, integra, debate e põe em confronto. A Universidade é o lugar do conflito de ideias num contexto de harmonia e paz entre as pessoas. A Universidade cumpre-se assim tanto mais, quanto mais integrar e der espaço às pessoas que dela fazem parte, durante uma vida de trabalho como seu trabalhador, quer seja ou não docente ou investigador, ou apenas durante uns anos, como estudante.

A história da UP ao longo destes 106 anos é indissociável da história de quem pela primeira vez chega ao ensino superior e em muitos casos, como o meu, chega sozinho a uma cidade nova. São as pessoas que vão construindo peça a peça a história da Universidade. Nas histórias que se cruzam nos espaços de cada uma das Unidades Orgânicas percebe-se a confiança que cada estudante deposita na formação que recebe desta instituição de portas abertas ao mundo pensada para dar o melhor de si a uma geração que procura no ensino superior mais do que uma vida melhor ou que sejam apenas um profissional competente; que procuram ser cidadãos ativos, profissionais realizados e pessoas felizes.

A Universidade não é o lugar de uma transferência tecnocrático ou roboticamente repetitiva de conhecimentos e processos cristalizados, para que depois o diplomado seja

capaz de acriticamente implementar os mesmos processos com autonomia. Não! A Universidade é o espaço onde competências se desenvolvem com espírito crítico e abertura, onde as posições de cada um valem pela prova científica e pela argumentação lógica que as acompanham, não pela hierarquia de poder dos seus defensores. A Universidade é um espaço seguro onde qualquer um pode dizer e defender qualquer coisa, mas não é um lugar de neutralidade. O ambiente universitário tem de ser ativo e reativo, não amorfo. A Universidade só se realiza plenamente se for o lugar da Democracia, dos Direitos Humanos, do diagnóstico, reflexão e intervenção na cidade, na região, no país, na Europa e no Mundo. A Universidade é a instituição que não ignora os problemas do Mundo, mas que os abraça, recolhe, analisa, descreve, reage com eles e procura soluções diversas para eles e que as aplica, mudando o Mundo para o que parece ser sempre algo um pouco melhor.

Esta tem de ser a matriz identitária de qualquer Universidade e por isso deve a Universidade do Porto acarinhar e procurar aumentar cada vez mais esta matriz de liberdade, diversidade e debate em todos os seus processos, cada vez mais analisando o Mundo e interagindo com o Mundo.

Há uma pergunta que devemos fazer a nós próprios muitas vezes: um peixe pensa ou sente a água em que nada? A pergunta pode parecer absurda para umas pessoas ou fazer rir outras, mas a sua profundidade é incontornável. Um peixe pensa ou sente a água em que nada? E nós, no nosso dia-a-dia, pensamos ou sentimos o ar que respiramos? Se sim, em que situações o fazemos?

A água torna-se a questão central do peixe quando o tiramos para fora da água; e também nós, quando temos falta de ar ou quando o ar que respiramos não tem qualidade, passamos a colocar no centro das nossas atenções algo em que habitualmente nem reparamos, ou nem notamos ou cuja qualidade não refletimos, apesar da sua ubiquidade, e provavelmente por causa de tal ubiquidade.

Pois em nome dos estudantes, como pessoa desta Universidade e como cidadão, não cumpriria a minha responsabilidade se não vos alertasse para a qualidade cada vez menor do ar democrático e de liberdade que respiramos na Europa e no Mundo. Os tempos em que

vivemos já são muito preocupantes e temos assistido ao crescimento e reprodução de movimentos e ideias que pensávamos extintos como a defesa da xenofobia, dos nacionalismos, o populismo ou a censura...

A Universidade como comunidade académica mundial, que inclui todas as Universidades, que inclui as Universidades portuguesas e a Universidade do Porto tem de ser parte na resposta às ameaças de degradação do ar democrático, livre, aberto e avançado que respiramos, que queremos respirar. A Universidade tem de ser parte do sistema de purificação do ar da sociedade, do esclarecimento das falácias, da confirmação dos factos, da distinção entre verdade e mentira (por mais que esteja mascarada de “factos alternativos”, que por definição existirão porventura em universos paralelos, mas com toda a certeza não no nosso!), porque é para isso que lhe é constitucionalmente conferida a sua autonomia, entre outros privilégios de índole semelhante. A Universidade tem de ser a primeira linha de garantia do pluralismo, dos valores democráticos e dos Direitos Humanos, fugindo e rejeitando qualquer tentação de pensamento único ou de amplificação acrítica de ideias e posições, ou de adulteração e reescrita da História, por mais habituais que elas se tornem ou por mais que nos queiram impingir que tal ou tal coisa é inevitável ou que não teve, tem ou terá alternativa. Se como Universidade e como país queremos outra coisa, se queremos avançar, é por aqui que temos de ir.

E os estudantes do ensino superior são parte do Portugal que avança hoje, que progride, que melhora, que faz. E são-no mesmo contra os auspícios de quem tudo critica e de quem passa a vida a dizer que nada vale a pena! Não, estudar vale a pena; e é preciso que mais pessoas estudem, pensam, leiam, escrevam, proponham e façam para que a Universidade se cumpra. Para nós este é um desígnio nacional que não pode ser secundarizado - e por isso é também tão importante, tem de ser tão principal, o combate ao abandono escolar.

A educação e o ensino superior têm aliás mostrado ser o mais importante mecanismo de mobilidade social que temos ao nosso dispor; e a Universidade tem de ter também esta ambição: dar a todos a oportunidade de serem os tais cidadãos ativos, profissionais realizados e pessoas felizes. E para o fazer tem também de se transformar a si própria.

Porque são estas as aspirações e as expectativas dos seus estudantes, e se são estes também os propósitos da Universidade para si e para a sociedade, já não serve então um ensino em que o centro do processo educativo é o docente e apenas as competências técnicas; é preciso centrar o processo de aprendizagem nos estudantes, criando oportunidades para que este adquira, além das competências técnicas, competências transversais que o formem enquanto cidadão e como pessoa. É por isso com redobrado orgulho que assinalo que essa discussão tem tido espaço dentro da Universidade e o desafio da Inovação Pedagógica tem sido enfrentado com coragem. Este é o caminho, mas é preciso acelerar o passo. É importante e urgente que o paradigma do ensino e aprendizagem se altere, deixando de ser uma contínua exposição teórica e passando a centrar o ensino e aprendizagem no estudante e na sua autonomia de gestão de tempo e responsabilização pelas suas escolhas e métodos de estudo. Um ensino e aprendizagem que se foquem na resolução de problemas, colocando assim o estudante em contacto com a realidade que poderá encontrar futuramente ao mesmo tempo que estimula o pensamento crítico e as suas competências de pesquisa e vontade por saber sempre mais. Um ensino e aprendizagem que deixem que o estudante se responsabilize pelas suas escolhas, que não o infantilize, que o chame a desenvolver ao máximo o seu potencial, que o deixe ser o máximo daquilo que pode em cada momento ser.

E nós, Universidade do Porto, em 106 anos de história, temos feito isto, temos sido isto...?

Poderemos seguramente sê-lo e fazê-lo um pouco mais no centésimo sétimo ano. Porque o presente é o tempo que nos é dado mudar: é aqui e agora que poderemos fazer a diferença.... Vamos construí-lo um pouco melhor: se o fizermos daqui a um ano, estaremos verdadeiramente de parabéns!

Vivam os estudantes da Universidade do Porto!

Viva a Universidade do Porto!